

Sarney critica apoio de prefeitos à greve

BRASILIA — Ao fazer ontem um balanço da greve geral dos dias 14 e 15, no programa "Conversa ao pé do rádio", o presidente José Sarney acusou "algumas lideranças" de agirem politicamente, com fins eleitorais, numa referência aos prefeitos que deram apoio ao protesto. E classificou de "insensatez" a frase do presidente da Central Única dos Trabalhadores, Jair Meneguelli, segundo a qual a greve causou prejuízo de US\$ 1,6 bilhão ao País.

Sarney, no entanto, entende que, numa demonstração de tolerância, o governo deve abrir os canais de diálogo para encontrar uma forma de repor as perdas salariais dos trabalhadores. Ele fez o convite: "O governo quer negociar. É um governo aberto ao diálogo, quer discutir. E esta, eu acredito, é uma hora de renovarmos o convite para que os trabalhadores façam voltar a funcionar o pacto social como uma forma necessária ao entendimento entre empregados e empregadores".

A greve, na sua opinião, não existiu porque "não foi greve nem foi geral". Sarney concordou com a afirmação do ministro da Justiça, Oscar Correia, para quem aconteceu uma greve "chapa branca", organizada "por alguns governantes que incentivaram, participaram e comandaram a inquietação. Sem citá-los nominalmente, Sarney criticou os prefeitos que apoiaram a greve. "O que nós vimos foi o povo querendo ir trabalhar e não podendo, por falta de transportes, afastados de circulação pelo poder público ou pela violência", disse.

É a seguinte a íntegra do programa *Conversa ao Pé do Rádio* de ontem: "Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui, mais uma vez, vos fala o presidente José Sarney, em mais uma *Conversa ao Pé do Rádio* das sextas-feiras, hoje, 17 de março de 1989.

Desejo fazer três balanços: do Plano Verão, da chamada greve geral e dos quatro anos do meu governo, completados quarta-feira passada, dia 15.

Quanto ao Plano Verão, devo dizer que ele venceu o seu primeiro round. A inflação está contida, o programa decolou e ganha, a cada dia, maior confiança, graças à estabilidade de preços que passou a existir e à queda da inflação. Por outro lado, continuamos a executar com mão de ferro a política fiscal e monetária de não gastar senão aquilo que arrecadarmos. O abastecimento continua em normalidade. A nossa política de taxa de juros obriga os produtores a uma conduta de oferta de mercadoria, evitando-se assim a tendência à especulação.

Estamos num acompanhamento cerrado da execução destas medidas e vamos corrigindo aquilo que nos parece necessário ao êxito do plano, como o fizemos há poucos dias, editando a Medida Provisória 40, destinada à cor-

reção de contratos de empréstimos assinados antes de 15 de janeiro, bem como muitas outras providências. A fiscalização, com a ajuda da Sunab, dos governos estaduais e municipais, continua firme. Só a Sunab, como exemplo já realizou 41.086 infrações, com 12.543 autos lavrados, número bem maior do que no Plano Cruzado.

Esperamos, assim que a taxa inflacionária de março continue baixa, próxima à de fevereiro, e esperamos que o povo continue vigilante na comparação dos preços, fiscalizando o congelamento e, ao mesmo tempo, colaborando para que o seu poder de compra seja mantido. Mas nós estamos confiantes no sucesso e no êxito completo do Plano Verão, como também estamos conscientes das dificuldades que teremos de enfrentar com o encaminhação de problemas cruciais como a política de preços, a política cambial, a política de juros e de salários. Quanto à política fiscal e monetária, nós temos certeza de que o governo vai cumprir à risca a sua parte.

Temos, inclusive, consciência também da resistência política que se arma, num ano em que todos voltam suas ambições para o processo eleitoral, alguns contra a normalidade da economia, pela simples avaliação antipatriótica, desumana e às vezes cruel de que um Brasil tranqüilo não interessa aos que querem a vitória política a qualquer preço.

Veja-se o exemplo da greve geral, que afinal fracassou. Não foi greve, nem foi geral. A idéia, construída durante dois meses, de que iriam parar o País todo, mergulhando-o no protesto e no silêncio, fracassou. Não foi greve. Porque esta é uma arma democrática, é o exercício da liberdade de não querer trabalhar.

Em nos dias 14 e 15, através da intimidação da participação de governantes dando decisões de paralisar as conduções, o que nós vimos? O povo querendo ir trabalhar e não podendo, por falta de transportes, afastados da circulação ou pelo poder público ou pela violência, e não pela vontade do povo de não querer trabalhar. E a greve também não foi geral, porque apenas uma parcela da população foi atingida. O País funcionou quase em sua totalidade, sem qualquer dificuldade.

O governo deu demonstração, mais uma vez, de prudência e de serenidade, não aceitando provocações nem tergiversando no cumprimento do seu dever. Foi tão grande o insucesso que para salvar a face, o que é uma demonstração de insensatez dessa conduta, alguns ativistas disseram com prazer à imprensa: "Causamos um prejuízo ao Brasil de US\$ 1,6 bilhão".

Ora, num momento em que o País precisa sair de dificuldades, há gente que se orgulha de dizer que o prejudicou. Prejudicar o Brasil é prejudicar quem? O pequeno trabalhador, que

perdeu um ou dois dias do seu salário. Queria ir trabalhar e não teve condução. O pequeno comerciante, o mais sofrido, a quem esse dinheiro é vital para a sobrevivência. Certamente esse prejuízo não saiu dos bolsos dos ricos. Foram os mais pobres que pagaram, os que mais precisam. E ainda se pode ouvir pessoas dizerem com satisfação que causaram um prejuízo de 1 bilhão e 600 milhões de dólares ao Brasil.

Outra pergunta. A greve seria um protesto? Protesto a quê? À inflação ter baixado de 32% para 3,6%? O povo está protestando por que a inflação baixou, por que os preços estão congelados? Protesto por que você vai ao supermercado e em vez de todo dia o preço mudar, ele está estável há dez semanas? Protesto ao direito de quem quer trabalhar, já que as pesquisas de opinião mostram a revolta e, nas ruas, as pessoas dizem que não concordam como não concordaram com esse procedimento?

Afinal, o ministro Oscar Corrêa definiu a greve, onde se realizou, como uma greve chapa-branca, isto é, organizada por alguns governantes que incentivaram, participaram e comandaram a inquietação. Na verdade, ficou muito claro que essa greve foi uma greve política, eleitoral, para promover algumas lideranças que estão numa luta intestina de afirmação. As perdas salariais? Estas foram identificadas e uma Medida Provisória do Congresso, já votada, manda pagá-las em três prestações a partir de março. O governo quer negociar.

O governo é um governo aberto ao diálogo, quer discutir. E esta, eu acredito, é uma hora de renovarmos o convite para que os trabalhadores façam voltar a funcionar o Pacto Social como uma forma necessária ao entendimento entre empregados e empregadores.

Como sempre tenho dito, só há um meio do trabalhador ter ganhos reais de salário: é a inflação baixa. Ai, você, brasileiro e brasileiro, tem seu poder de compra ampliado. Nós já vimos isso no passado. Na corrida contra a inflação, você sempre perde. Se você provocar aumentos de qualquer natureza nesta hora, estes aumentos vão passar para os preços e os preços vão se elevar. E ninguém deseja a volta da hiperinflação. Todos temos que fazer sacrifícios. Dai porque um dos mecanismos que se usou contra o Plano Cruzado e que agora se tenta usar contra o Plano Verão é esse de paralisar e diminuir a produção. Falta a produção, falta o produto. Vem o desabastecimento, vem o ágio e não temos como controlar o processo. Ai é muito fácil culpar o governo, quando os culpados são aqueles que desejam destruir o plano. Por quê? Porque são usufrutuários políticos da inflação. Estes e os especuladores, os que vivem na jogatina financeira, nos oligopólios e nos acordos de preços. O País não pode viver sob pressão permanente. Isto é

uma técnica de imobilizar governo e Nação na insegurança, no temor, sem ajudar com soluções, e sim estimulando a agitação através da demagogia, da sedução de soluções inviáveis.

Finalmente, quero dizer que passamos o aniversário dos quatro anos de governo como um dia comum, de trabalho, igual a qualquer outro. A rotina só foi quebrada pela missa às 9 horas da noite que assisti apenas com poucos familiares na capela do Alvorada, agradecendo a Deus a ajuda que me tem dado para vencer tantos obstáculos.

O País está em paz, tenho certeza. A minha prudência e as minhas convicções democráticas deram-me força e a minha fé deu-me confiança. O Brasil atravessou o gargalo da transição, consolidou suas instituições, viu a liberdade ser restituída dentro de um clima de convivência e deu grandes avanços. Ninguém foi perseguido neste período, discriminado. E, politicamente, esta já uma sociedade pluripartidária, aberta e democrática. Neste último ano conclui-se a caminhada e a Nação prepara-se para fazer a sua escolha.

Eu tenho consciência que tive uma contribuição decisiva para esse processo. Os programas sociais fizeram com que a sociedade despertasse para a participação. Creches, leite para as crianças, merenda, mutirão das casas populares, postos de assistência, cesta básica, enfim, os programas sociais modificaram a face da participação popular das camadas mais sofridas neste Brasil inteiro.

No Exterior, o Brasil ganhou uma nova dimensão, um prestígio extraordinário. Na América Latina, comandou e comandou junto com seus vizinhos a política de integração. Temos as maiores exportações de nossa história, as maiores safras agrícolas. Equacionamos e normalizamos nossas relações internacionais. Nossas reservas hoje são grandes. E temos uma clima de liberdade e de paz, clima este em que a Constituinte pôde dar ao Brasil uma nova Constituição. O próximo presidente encontrará um País sem as dificuldades, sem as perplexidades que eu encontrei e pronto para dar uma grande arrancada.

Homem simples e humilde como sempre fui, governi nestes quatro anos o País com grandeza, sem qualquer preocupação menor. Quem governa, é verdade, governa com realidade. Tenho feito que pude fazer. Algumas coisas eu não teria repetido outras eu teria feito. Mas ninguém pode adivinhar o futuro e somente se pode decidir com os dados do presente. Os acertos e os erros são para os olhos dos historiadores. Tenho a consciência tranqüila de que sempre cumpri com o meu dever, trabalhando, respeitando os outros e amando cada vez mais, com maior orgulho, a minha pátria.

Bom dia e muito obrigado."